





# AS TOCANTINAS



CÉLIO PEDREIRA

# AS TOCANTINAS



**Palmas-TO**  
**2014**



**Reitor**

Márcio Antônio da Silveira

**Vice-reitora**

Isabel Cristina Auler Pereira

**Pró-reitor de Pesquisa e pós-graduação**

Waldecy Rodrigues

**Diretora de Divulgação Científica**

Michelle Araújo Luz Cilli

**Conselho Editorial**

Airton Cardoso Cançado (Presidente)

Christian José Quintana Pinedo

Dernival Venâncio Ramos Junior

Etiene Fabbrin Pires

Gessiel Newton Scheidt

João Batista de Jesus Felix

Jocyleia Santana dos Santos

Salmo Moreira Sidel

Temis Gomes Parente

**Projeto Gráfico & Impressão**

ICQ Editora Gráfica e Pré-Impressão Ltda.

**Designer Responsável**

Gisele Skroch

**Projeto original da obra**

Diogo Bonadiman Goltara

**Revisão de Textos**

Neusa Kruger, Carolina Souza Pedreira e Célia Regina Regis

**Foto da Capa**

*Sinos da Igreja de Nossa Senhora do Carmo*

por Carolina Pedreira

**Impresso no Brasil**

*Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins - SISBIB/UFT

---

P371t

Pedreira, Raimundo Célio.

As Tocantinas / Raimundo Célio Pedreira. – Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2014.

119 p.

ISBN 978-85-63526-57-1

Coleção Literatura Tocantinense, v. 1

1. Literatura Brasileira. 2. Tocantins. 3. Poesia. I. Título.

CDD B869.8117

---

Copyright © 2014 por Raimundo Célio Pedreira

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para  
**Domingas de Oliveira Negre**

Dona Domingas,

Quem faz minha alma  
são as boleiras do Carmo  
pois sabem um mundo  
com tapioca de mandioca.



## SUMÁRIO

Prólogo	xv
Apresentação	xvii
Arrancho	19
Tapioca na Gamela	20
Chá de Suficiência	21
Só o Tronco	22
Desejares	23
Absolutamente Abóbora	24
Idílio	25
Principiar	26
Meninos na Ponta da Rua	27
Grota das Pombinhas	28
Cepo de Madeira ao Vivo	29
Serra do Carmo	30
Cá	31

In Situ	32
Precisão	33
Calendário de Luas	34
Fonte das Lavadeiras	35
Bulandeira	36
Faculdade das Inclinações	37
Loca	38
Como nunca Entardecido	39
Setenta vezes sete	40
Meio dia	41
Um cajueiro	42
Saga do madurecer	43
Dona Menina	44
Goiaba no Quintal Alheio	45
O sorriso da Pedra	46
Hábil Bocado	47
Apontamento Escasso	48
Lavratura	49
Manual portátil de estreitar	50
Malícias	51
Coseres	52

Versão de Otimismo	53
Quem vê querer	54
Estado de estar	55
Reza do Tempo atrás	56
Destampado	57
Acordo	58
Rede de pescar na varanda	59
Jazzmin	60
Inventário de indícios	61
Exército de só	62
Parto de ano	63
De Noites e Natais	64
Inversado	65
Um dois mil e cinco	66
Cinema mudo	67
Entrevista com o senhor menino	68
Beiradeiro	69
Quem viaja só	70
Breviário	71
A primeira vez que sonhou	72
Assentamento	73

Pinguela	74
Cerrado queimado	75
Volteado	76
Enxurrada	77
Lenha	78
Elementares	79
Oficina de ancião	80
Carta	81
Cantiga isca	82
O vendedor de ribeiras	83
Improviso em sol maior	84
Olhar de Cega-machado	85
Zinabre	86
Setembro	87
Canoeiro	88
O livro que a gente começou a ler	89
Malabares	90
O Movimento das Águas	91
Chicos	92
Vida acesa ao Sol	93
Serventias	94

Pé de manga	95
Escavações	96
O homem que não desejava	97
Ruazinha	98
Cantiga de Trabalho	99
Ensaio para um dia parvo	100
Rainha Liberdade	101
Receita de Mãe	102
Memorial	103
Ciência de Amigos	104
Dicionário de cismas	105
Rapadura	106
Infinitivo Pleno	107
Bilhete de Adeus	108
Deslabor	109
Vaqueiro de Estrelas	110
De aprender morrer	111
A Resposta	112
De um tempo onde serão necessárias as cinzas	113
Cajuí	114
Lual	115

Frações	116
Raiz de quintal	117
Proa	118

# PRÓLOGO

## EXPLORAR COM SENSIBILIDADE OS LIMITES DA LÍNGUA

***“A poesia é o impossível ao alcance da voz”.***

Com esse verso incluí num pequeno volume publicado há alguns anos, uma reflexão sobre o ato de escrever poesia. Célio Pedreira me oferece sistematicamente desde o Brasil profundo o resultado desse árduo exercício de explorar os limites da língua. Azar de quem não conhece a língua portuguesa. Essa língua única e diversa, falada nos cinco continentes, se contarmos Miami..., insuficientemente reconhecida entre as línguas cultas. Saboreada, reinventada aqui, no falar diário, no comércio de sonhos entre as pessoas para oferecer suas paixões ou desenganos...

**“As Tocantinas”** dialogam evidentemente com a poesia de Manoel de Barros, o bruxo do Pantanal. Mas, a diferença entre esses dois poetas das águas, além do tempo percorrido nos labirintos da loucura que por igual os possui, é que Manoel se converteu em árvore à margem daquelas águas que não aceitam contorno – ali não se define onde termina o fluxo líquido, onde a lama fecunda, onde a pedra rara – para oferecer poemas como frutas frescas de sabores inéditos. Célio é poeta de outras

águas. Essas que percorrem o dorso cristalino dos planaltos e sabem mais a areias que ao barro do Pantanal, mais à esmeralda líquida que usamos como espelho de nossas aventuras e desventuras. Ele nos oferece a vertigem dos versos imprevisíveis.

Aqui lembro a frase de Oscar Niemeyer: “Na vida o que vale é o espanto”. A poesia de Célio Pedreira, a exemplo do seu inspirador, substantiva verbos, age sobre os objetos que descreve, alterando-lhes a natureza e a sintaxe. Cria uma sintaxe nova. E leve. Os rebocos escalavrados dos casarões coloniais do Porto observam... e capturam a luz fugidia da tarde num verso impossível. A seu modo, Célio trabalha para alargar os limites de expressão da língua. Essa será talvez a herança mais duradoura do poeta.

O mestre Alceu Amoroso Lima – Tristão de Athaíde – numa página escrita no último quartel do século XX definiu os poetas em duas categorias: os poetas solitários e os poetas solidários. Os que buscam a poesia dentro de si mesmos, a partir da experiência individual e aqueles que buscam a poesia no fragor dos conflitos humanos. Ambos valiosos, ambos indispensáveis para a literatura. Eu situaria Célio Pedreira numa terceira categoria: a dos que buscam – e encontram – a poesia no exercício temerário da língua. Sem deixar de identificar-se com as categorias do mestre. A literatura brasileira necessita desse exercício.

Brasília, outono de 2014.

Pedro Tierra

## APRESENTAÇÃO

**A**s *tocantinas* reúnem cem poemas escritos nos últimos quinze anos. É mais um capítulo da poesia do autor, que publicou, em 2002, a primeira obra poética. Essa nova coleção de poemas traz a quietude de uma chaleira sobre o fogão à lenha esquentando água para o café. “Arrancho”, poema que inaugura o livro, marca um tom que perpassa toda a obra, o de um otimismo brejeiro, quase triste, que aprecia o invisível e encontra no prosaico matéria de poesia. O tempo diurno, emaranhado de afazeres comuns como cozer, ouvir um passarinho distante, amanhecer ou parir, nos convida a trazer o dia para dentro e levar a vida para fora. São nesses poemas solares, como “Meninos na Ponta da Rua”, que encontramos velhos amigos e observadores silenciosos: “Rebocos assistem a rua/soviando cores/e tontos de luz”.

Os poemas de *As tocantinas* falam sobre a gente de um lugar, sobre paisagens suspensas no tempo de antes e sobre as rachaduras da alma. As fotografias imaginárias são tiradas nos interiores do mapa e do

homem. A obra segue como o curso de um rio extinto e nela aprendemos que vigiar o entardecer vermelho é a sina do canoeiro. O sertão provido de primavera que aparece em “Goiaba No Quintal Alheiro”, “Malícias” e “Jazzmin” contrasta com as agruras de um cerrado seco no vento e no intento de ser humano: “Vem aroeira/que o machado cega/é no cerne da gente”. O luar abriga uma série de poemas azuis, quando o dia, partindo, começa a gemer e inventa de ir buscar sorriso em pedra. Em “Escavações”, são os ossos que encontram a memória dilapidada pela ausência que insiste em sobreviver ao fogo da estiagem. Na boca da noite, os versos-breu contam sobre o vaqueiro tangendo boi e outros cantos de dor. Avesso ao ávido, lento, o luto atua em “Aprender a morrer” e “De Um Tempo Onde Serão Necessárias As Cinzas”. Mas, a lamparina sobre a mesa e as contas do rosário acendem a madrugada até desembocar nas manhãs. Uma alegria antiga vem passear em “Receita De Mãe” e inscreve traços de esperança em “Rapadura”: “Essas mãos atando linhas de horizontes/sossegam um tecer de dores idas/para indagar doces esperas”.

Escrita sob a sombra de um cajueiro, *As Tocantinas* compõe um inventário de imagens sobre a paciência. São poemas para ouvir o lamento das margens submersas do Rio Tocantins, por isso, também, são poemas sobre onde as coisas dormem, talvez, “para ver como acordam”.

Carolina Pedreira

## Arrancho

Dia que a gente precisa ser ipueira  
lavar as minúcias  
depor as margens  
esconjurar estreitos.

Dia que precisa vir sem divulgar  
perder tempo em nada  
esbarrar nos derradeiros  
encontrar nós.

Dia de bestagens  
alargar os efeitos  
malinar nas gasturas  
judiar sem doer  
precisa.

## Tapioca na gamela

Eita que esse destino de furupa  
guarnece a brasa e o tição  
o forno de assar o bolo  
alvura que ama a tapioca na gamela  
amassando a vida com as mãos  
pois a festa é certa  
quando certo o pão.

## Chá de suficiência

Recolha uma beira de córrego  
deixe descansar a sombra para curtir.

Tome um punhado de caminhos  
desses bem indiferentes  
e põe a coar em almas de algodão.

Apanhe dois brejos alegres  
e uma chávena de boca-de-noite  
para amaciar lajedos.

Ao cerrado branco  
junte tudo num vão de luar  
e deixe descansar  
até o amanhecer.

Sorva em jejum.

## Só o tronco

Por haver encerrado a força  
deixa as primaveras assim  
perpetuadas em anéis  
como penhor de suas nascenças  
e a crença que pode prosseguir  
como silêncio sem flores.

## Desejares

Quando o sol visita  
o silêncio do meio-dia  
as redes gemem nos armadores  
num quarto de penumbras e frestas agudas  
o sertão embala seus filhos ausentes.

Geografia de rios enterrados pulsa  
sob os quintais baldios de esperança mesmo  
que continuam saciando mangueiras  
para manter acesa a sombra morna  
dos filhos que conservam nos licores e  
aguardentes.

O pé de cega-machado tudo sabe e vê  
que prumo é invenção de torto  
áspero é ofício de resistência  
ninguém lança suas sementes  
mas nascem e continuam cerrado nos filhos.

# Absolutamente Abóbora

Valentia tenra  
rasteira e branda  
bordando o cerrado  
a renda avança  
barganha com o roçado  
cativa monturos  
usa e desusa o sol  
sustentando doce  
no sal.

## Idílio

Estava andorinha cedo  
e um dia com feição de vindo  
já confessava aurora.

Lá pelos gerais daqui  
um gris obtuso vadiando  
e devagar  
vi seu olho vir  
estrondo quieto.

Ventinho ligeiro  
fez um azul animoso  
mas choveu manso  
assim de manga.

Pingos acordando a terra  
nem escorrem  
só chupam seus limites.

Saltei no estio  
e fiquei gastando  
um cheiro novo de chão parido.

# Principiar

Para uma manhã aqui  
não cabe dissimular  
ou é verdade  
ou não é para sempre.

# Meninos na ponta da rua

Solzim rude  
e nos baldios  
o mato rindo  
trepando adobes  
desejando o oitão.

Tarde fazedeira de nada  
e um céu calado  
cunhando o dia nos quintais.

Rebocos assistem a rua  
sovinando cores  
e tontos de luz.

O cortejo oculto  
das formigas de fogo  
desenfiando a terra.

A vista alcança  
perto do ermo  
um rio  
e os meninos vão.

# Grota das pombinhas

Caminho de grota  
maioria é calado  
remói terra de quintal  
aflora na rua quando quer  
e vai rezando no rumo do rio.

Caçoada de grota é ladeira  
fiapo d'água na pedra  
margem capilar  
nem farta  
nem sovina  
só passarinho.

A grota das pombinhas  
hoje lamenta cimento  
agoniza lodo seco  
ou empresta a tarde para as larvas  
como suspirar de nada.

# Cepo de madeira ao vivo

Transversal silêncio  
as raízes de ar  
os meninos de plástico.

# Serra do Carmo

Um céu de tanta beleza  
não cabe dentro de um luar  
que vai brotar hoje  
na serra do carmo.

# Cá

Enquanto houver silêncio  
haverá poesia  
e gente  
cavoucando o dia.

## In situ

Fez alentecer o andar  
para somente residir no olhar  
aquelas celebrações de âmago  
essas que vicejam sós e não findam.

Como os lados permanecem chamas  
necessito acreditar em vértices  
e pontos de interrogar-me duram  
indulto de quem sinistra.

O lugar atende até um amplo  
mercê dele me adejo  
designativo de sertão.

# Precisão

Esse luar de hoje  
faz um silêncio tão vasto  
que acredito em vida sem verbo.

# Calendário de luas

Espalhe o dia  
na distância dos vazios  
se um grão vingar  
eis a profundez.

Foi assim que surdiu  
a vocação do voar  
e promover reparação  
nas linhas  
de horizonte escasso.

Tanto tornou  
que fez decotar  
o que fosse longitude  
para estar  
parto.

# Fonte das lavadeiras

Água nova passa  
aliciando as pedras  
no leito de clarear as almas.

Acorremos em lavadeiras  
investigando as máculas  
com mãos causticas  
espiando alvura.

Memória morena  
mulher serena  
que quara nossos porões  
e estende a vida ao vento  
desaconselhando as sombras.

Tábua de bater  
no lombo de nossas nódoas  
em fonte lavar.

O que estanca incomoda.

# Bulandeira

O braço  
rompe a roda  
a roda  
vira o ralo  
o ralo  
na raiz da fome  
farinha.

## Faculdade das inclinações

O tempo ajustado para os quintais  
é suposto entre calmo e manhã  
desses que lambem em sol  
que estimam alvura.

Foi aqui que eles colocaram a gabar  
ora os pés de adverso  
ou sombras do inverso  
como imitar de nascer  
com nossos alheios.

# Loca

Das dores que trago  
a mais de dentro  
é a mais doce e serena  
é a dor que me ordena  
dizer que sem rio  
eu não me refugio em profundez.

# Como nunca entardecido

Observe aquela renda  
tecida do chão ao ocidente  
com matiz de anos.

Acabamos de fazer gritos nela  
e prendemos com cuidado  
colhemos os prontos  
outros trançamos com força.

A tarde disse que não tardava  
e a gente deitou à tarde na mornura  
para abrasar essa noitinha  
e fazer resultar satisfação  
essas de iguarias.

## Setenta vezes sete

Incumbe aqueles velhos interiores  
com o recorrer das manhãs.

os caminhos de apuros  
embarços de cipó  
os enredos sem ingresso  
incumbe de manhãs.

Reaver os árduos  
o atinar dos aços  
as fornalhas desprovidas  
incumbe de manhãs.

Para a astúcia das corredeiras  
deixa o rio remir seus leitos  
e os portos  
incumbe de manhãs

## Meio dia

Melhor trilha de morrência  
nessa beira de rio  
é estar-se rede  
de quieto balançar.

Os calangos no quintal  
a rala sombra do pé de mamona  
imóveis a pulsar a terra.

A vida esconde  
numa pausa morna  
breve e boa.

Silêncio melhor para o nada  
feito querer ausente  
e a cidade dizendo um solapino.

# Um cajueiro

Podemos começar a recontar o tempo  
pela sombra das árvores em nossos sóis.

## Saga do madurecer

Jeito estreito  
esse de rejuntar os olhos no peito  
para abarcar inteiro  
o que foi longe  
o que for remate  
o que faz acaso  
e agora vem  
ser prudente manhã.

# Dona Menina

Urge uma cantiga  
de deitar com diligência  
nos depositários da feição.

Abotoar uns ornamentos  
esses de dispensar sacramento  
de sustentar estado de flor.

Dispor zelo  
mesurar-se  
em hóstia de celebrar ardor.

Então propenso ao azul  
oferecer-lhe asas.

## Goiaba no quintal alheio

Derruba muros  
o estado de meninos  
deambula vergas  
equilibra na ponta  
mais arriscada e mais doce.

Tem uma esquecida lá  
de vez  
que grita (...)  
- Me vem!

- Ouviu?  
É a voz do marimbondo  
sujeito com razão de flor  
e chegou primeiro no lá  
onde a fruta ferroa.

## O sorriso da pedra

Calcula um caminho angular naquela linha  
ninho de pousar os passos  
guarnecer os bambos  
e olhando em só  
cobiça o preciso.

Fica a observar atentamente o bando  
riscando rasantes astutos  
enviando assobios em vem.

E vai  
afoitar-se nos rudimentos de sustentar  
além das linhas que esticam o ninho  
quando desamparam as asas  
e repentinamente o chão  
a pedra  
o riso decrescente  
de principiar andar.

## Hábil bocado

Acometido de cedinho  
apanho arestas no brejo perto de casa  
para a autoria das lascas  
algumas cruas  
outras desabridas.

Vem congregar um cheiro de vagar  
escorrer esboços  
diz-se assim desossar  
ressorver vincos  
e aliviar nossos inertes.

## Apontamento escasso

Chega esta tarde  
como vírgula prenhe  
inclinada em memorial  
para alastrar sua falta  
como necessária noite.

Diminutivo saio  
para não aluir  
na aptidão das lágrimas  
ou entro enfermo no verso  
para abrir outro lado  
que esse clamor não cabe.

## Lavradura

O encargo da palavra  
tem me deitado vesgos.  
Onde boca  
encontro ermos  
onde mãos  
pedra  
e quanto mais me abrigo  
mais alargo  
os intentos  
que dão no porão.

## Manual portátil de estreitar

Dentro da rua havia as esquinas  
eram poucas  
quase nem regavam além da gente  
soleira pedra portão.

Está faltando alguém  
talvez não venha  
e a ladeira a nos olhar  
deixa subir com tarde  
lenha casca cerne.

Já vamos  
como angular viver  
e ter que tornar  
caminho cunha quina.

## Malícias

Mimosa no artifício dos ermos  
a semear planura nos vãos  
arregala-se suave e nascente.

Uma maciez de espinhos a lhe guardar  
o que sejam ardis  
astúcia de flor  
e nem sangram.

No caminho das fontes  
equilibrando os enleios  
crescem-me em bandos belos  
umas cantigas  
outras segredos.

## Coseres

Nos retalhos abranda seu caminho  
esculpindo de olhares as partes  
ou estampa par e ímpar  
mas perto.

Dura descampados nessa feitura  
de alçar  
de enraizar  
até arvorar.

Certo que se acode  
alinhava o pouco tão junto  
que aprecia dizer  
companheiro.

## Versão de otimismo

Gostava de fincar a vida nos ocos  
provando vãos  
e quanto mais fundo  
mais as nascentes.

Principiava entranhar-se  
livrando os queixumes  
subtraindo prudência  
se pudesse escapar  
nascia.

Rogar pelo embaraço  
e encontrar nó  
desvestir o nó  
para saber fundar a linha  
equilibrar.

## Quem vê querer

Estava comum  
quase tangente  
quando resolveu fender com a janela  
seus olhos em disparate.

Seu cego abandonou o nó  
desacreditou a cinza  
e fez-se abrasado  
como à toa faz.

## Estado de estar

Vigio a ocupação do longe  
tangendo-me  
como procurar encalço  
para estar canoa e asas  
gracejando um ir.

Mas essa margem resmunga  
longe é lugar de não estar  
e diz querer-me para raiz  
pessoa de valimento fundo.

Segue assim cego  
o longe cru do cerrado  
e outras corredeiras irmãs  
no rumo das serras de nuvens  
levando remo e vento  
mas deixa a mira.

## Reza do tempo atrás

Assim ajustando as portas do tempo  
minha avó a esculpir  
fortificando  
com um macio generoso nas mãos  
cada menino e menina nos olhos.

Quer dizer que todo dia  
é predisposto a trama dos caminhos  
de minha avó e dos nós.

Demora o tempo de aplainar a vida  
mas minha avó tem tempo de temperar  
com pitada de risco  
os limites impossíveis dos quintais.

# Destampado

Uma porção de cidreira  
a remendar o passo  
com solenidade de luz  
onde me gotejo em manhã.

Esperança parideira  
essa que chama para pavio  
nossos úmidos.

Decorro estrume  
para o indício da semente  
que o passarinho aceita ser  
além desse quintal  
o dia bulido de abrir.

## Acordo

Ajusta uma manhã  
com graça de comadres  
para caber mais cantiga  
e me desenvolver em cuias  
de juntar alegria.

Por causa do cedo  
o terreiro é melhor  
espiando um clarear  
que desabotoar diz.

Igual será a noitinha  
obtida dos sapos  
em úmido generoso  
a botar horas no colo  
para quem vela  
a lua fiar orvalho.

## Rede de pescar na varanda

Estava miúdo  
numa oração de musgo  
calafetando olhar  
nos pés do muro.

Assim conluio em doses  
de lugar nenhum qualquer  
e alguma tarde.

Desiscar uma rede  
dessas bem atadas  
na ceva da atoice  
gasta ontens.

Como continuava armada  
nem carece ser  
só ficar de arдил  
que a espera vem.

## Jazzmin

Um improviso a suprimir silêncios  
abre subterrâneos de varandas  
e vara no itinerário do dentro  
em desgoverno bom de ser.

Agasalha florzinhas em arpejos  
e a voz dos haveres brandos  
no colo quieto dos aromas  
faz morada nos graves  
pendurando a tarde no tempo.

# Inventário de indícios

Decerto é pedra  
mas com algum astúcia  
dessas de conspirar  
reúnem-se cunhas  
para atalhar pisaduras.

Um golpe e a gente  
desvira bicho de chão  
deserda das cancelas  
para aprumar a asa  
alvejar as nódoas  
e cortejar por inteiro  
o proseio dos vaqueiros  
as lavadeiras em cantiga.

Era assim desde menino  
que o pente da memória  
nos assenta como herança  
o fermento dos ermos.

## Exército de só

Capaz de afiar os olhos  
nos vergéis da alma  
para aprisionar o tempo  
deixar-se sem pulso.

Derrotar a chave  
que abre os geraes  
e não calcar caminho  
quebrar-se em um.

## Parto de ano

Quietude escorrendo  
e a madrugada do primeiro dia  
repousando um solzinho em conserva  
que a gente até parece todo.

Assim parimos um ano  
com cheiro novo de luz  
acordando nossos breus.

## De noites e natais

Além das estrelas  
dos orientes  
é possível tingir  
uma colheita de luar  
para estas noites  
dos sóis  
que somos.  
Rogar de pronto  
pelos vão fechados  
de veias abertas  
da gente que espreita  
um amanhecer.  
Desencardir o voar  
ruir limites  
alcançando no escuro  
os próprios olhos  
de nossos amargos.  
Quando enfim  
sentir planger o dentro  
dizer em festa  
que vamos plantar  
a muda de sonho  
outra vez.

## Inversado

A sanha do verso  
não cessa o bulir  
com seus dedos em viola  
na cumbuca dos inversos.

Depois assunta  
com silencia de jia  
e sem mesura  
verte no sibilino  
uma gaitada rasa  
para abreviar o rumo.

## Um dois mil e cinco

Ventando umas rasteiras  
no quintal das andorinhas em febre  
e na cara dos equilibristas.

No colo do dia o caos e a cal  
lambendo os lutos  
aquecendo pulsos escusos  
com as desusadas brasas  
das primeiras manhãs.

Alguém vem avisar correndo  
uma fumacinha após o túnel  
e a gente levanta os olhos  
de esguelha.

## Cinema mudo

Trazia na dianteira  
a vida crua  
juntada em rascunhos  
que nem deu aviar  
mas seguia em andar.

Escuro é gume  
cada um em sua película  
depois outros  
como herança de vela  
a refazer frestas.

Um espasmo aqui ali  
a estocar a boca  
com fortificantes secretos  
de abrir risos  
no precisar ir  
como nos fins.

## Entrevista com o senhor menino

Sabia a ocupação dos grãos  
no estreito das ampulhetas  
em tempo de desmedir dias  
de cantiga entoada  
sempre uma oitava acima.

Experimentava vértices  
de madurar as madrugadas  
para depois aviar delicados arpejos  
no chão de cada novo e único andar.

Evoluía-me com seu silêncio raiz  
a dançar descabendo o corpo  
de apurar os traços da aurora.

# Beiradeiro

Rio de mim  
que alinhava redes  
para apanhar faz-de-conta

## Quem viaja só

Léguas tragando o caminho  
e a noite a jorrar  
um zunzinho bom (...)

Uma hastezinha de lua  
alinhava o ciano  
em pano de conluio (...)

O lugar de chegar  
nunca aparece  
nem carece.

# Breviário

Para verso de espiar  
carece um pétaqui  
e outro pétala.

# A primeira vez que sonhou

Deu de alcançar as cumeeiras  
olhos em ramas  
cuidadosamente postas  
no íngreme das horas.

Ilusão vasta  
delicada renda  
de tecer asas.

Pulsavam chãos  
e a raiz  
rompia o gesto  
mas não alcançava palavra.

Janela e longe eram iguais  
aparavam alvos  
itinerários  
como sorte de quem trilha  
o nascente imaginário  
da alma tenra.

## Assentamento

A bandeira no rancho  
aprende um sertão  
além das geraes  
na lida coletiva das candeias  
ensinando que o junto  
clareia mais  
que é diverso o caminho  
e o verso é colher.

A mão no úbere  
tateia o um  
ordenha manhãs de muitos  
onde a teimosia  
não se mede em alqueires  
mas em sonhos.

# Pinguela

Antes da gente  
era a curva do rio  
cuidando as lonjuras.

E a gente  
simples andorinhas  
passíveis de azul  
na tarde veloz.

Bulindo em correntezas  
como fosse hábeis sem rumo  
ou esquecidos dele.

Ainda dissipa o dia  
e seu aroma desenterra-me  
em conta-gotas  
nas inumeráveis utopias  
que descuidei nosso rio.

# Cerrado queimado

As cinzas  
ardem a manhã.

Do inverso  
faz-se o sol  
como noite  
sem madrugada.

Gemem  
as raízes  
por suas sementes.

Órfão  
um vento sem norte  
remove o luto  
para não dizer  
morrer.

# Volteado

Peguei a ser novo  
por conta dum cajueirinho velho  
que deu de por flor e castanha  
nesses tempos danados.

# Enxurrada

Venho admitir a vida  
pelos flancos  
confidenciar-lhe os bueiros  
renascer em grotas  
jorros explícitos  
misturando  
jardins e monturos  
desobedecendo o vasto  
para juntar  
estreitar com força  
as águas que descabem  
nossas recônditas tempestades

# Lenha

É hora como antes  
de recolher escuro  
antes que treva  
inventar fresta.

Acordar arvoredo  
na ausência de seiva  
ensina ranger.

Sorte de brasa é arder  
dizer um ai bem longo  
e resistir rubra  
entre as cinzas.

Vem aroeira  
que o machado cega  
é no cerne da gente.

## Elementares

Onde espera lua  
espiga poesia.

Onde flor  
o amor denuncia.

Nós passarinhos  
no ninho.

Onde solidão  
nem.

# Oficina de ancião

Ampara a noite  
para ocultar chama  
além do olhar  
pois é muito arriscado  
durar-se.

# Carta

Amigo  
abrigo-me ao som das cigarras  
pois o jugo do tempo escapa  
aos olhos de quem cisma.

A saudade no interior  
medra um lume morno  
possui latência  
e as luas carecem dela.

Mas venho lembrar  
do cisco no olho  
que a casa dos anos  
insiste em passado  
mudando as esquinas  
onde a gente vigiava  
o primeiro de maio  
nós e os panfletos  
os gritos são lágrimas ainda.

Um abraço, amigo.

## Cantiga isca

Convém desabotoar  
uma cantiga leve  
que acorda riso  
como pendão de arroz  
dedicado em passarinho  
fazível com transparente.

Quisera alinhar  
uma cantiga doce  
para morar seus olhos  
e aviar com lua crescente  
uma rede delicada  
de pescar manhãs.

# O vendedor de ribeiras

Atende ao benefício das esperas  
quem lança seu aproximar em vagar  
ocasião de esticar a vida  
ou estar disponível para profundo.

E pouca largura basta  
quando o escasso é tudo  
atraído para as águas  
rumo assim sem norma  
trago para seu curso.

A regra do sertão de ribeira é diversa  
léguas engolem as margens  
e dentro delas alegrias mágicas  
meninos se descobrindo espécies  
canoas carecendo remar.

Tudo lhe vendo já  
se for de gosto  
atender aos outonos  
de nossos cemitérios submersos.

# Improviso em sol maior

O verbo descabe a língua  
cada sulco canta-se só  
como necessária luz  
de inventar e crer  
que além do sol  
o brilho do olhar é  
feito de único.

# Olhar de Cega-machado

Provindo de ermo  
sem arrogância alguma  
até sem visitar vergel  
desperta a solidão do cerrado  
num louvor inevitável de alegria  
em cor igual flor e tinto  
pois que feito áspero  
é belo.

## Zinabre

Eram felizes para sempre  
não fosse o ofício  
de manter no prumo  
a lua no céu  
como convém aos pares.

Do fio tenso  
que sustenta os olhos no ermo  
nem se deram conta dos nós  
discretos e cegos  
repousando seus laços  
nas espirais.

## Setembro

Os pés da serra inquietam-se.  
riscando a noite  
a quente cantoria no capim seco  
estalidos charros  
rasteiros  
chamas inteiras  
de olhos vendados  
dançam o escuro  
qualquer pé é par  
qualquer uma  
ou duas  
todas serão cinzas  
nos olhos píricos  
escalando as escarpas  
da serra do carmo.

# Canoeiro

Um olhar  
fica na margem do rio.  
Outro olhar vai  
alcançar a possibilidade  
de semear estrelas  
acordar horizontes.

# O livro que a gente começou a ler

Deixava tão estreita a noite  
que atar a rede nas estrelas  
nem.

Assentei com o tempo na pedra  
e ficamos.

Dos olhos escorriam tantos segredos  
que era necessário buscar luar  
além.

Ardiam fronteiras entre nós  
e seguimos.

Vigiava seus sonhos  
como possível fosse velar e viver  
também.

# Malabares

As mãos dizem sim não  
e vão em vãos  
ensinando sementes  
no itinerário dos sonhos.

Frutos sempre de vez verdes  
se equilibram  
feito iguais  
em rotas diferentes.

A vida inquieta-se  
iça e singra  
sangra e estanca  
branca e gris  
boldo e hortelã  
febril e sã  
seguindo os olhos  
como malabares  
aos pares.

# O Movimento das águas

Gosto de semente  
escorrendo madrugada  
dessas bem morenas  
bordando um silêncio  
em linha quase transparente  
como aquelas de tecer horizontes.

Semente e labuta  
invadem o dia cedo  
para plantar também  
onde ermo  
onde ausência.

E nas contendidas  
apenas acordam  
arautos monarcas  
para decidir não  
sem atinar que nos multiplicam  
como fontes  
para saciar as águas de março.

## Chicos

Percorrem rapidamente as ruas  
encontram-nos quase sempre nas esquinas.  
Rigor de viver.

Somos frágeis demais para esconder  
reconhecem-nos pelos olhos.

Somos pela nossa voz  
outra seria latir  
e já nos bastam os ardis interiores.

Quem mais nos respeita  
nossa lágrima  
a única carícia necessária  
primeira e derradeira  
a cada horizonte abatido.

# Vida acesa ao sol

Avisa ao ávido  
que está rompendo  
um rumor de sol  
e vem do ermo  
até a rama da melancia.

Trilha de trópico  
acorda as telhas  
e zanga os lagartos  
desde o sertão  
aos olhos do mormaço.

Pau na porteira  
descansa aberto  
que o silêncio é vazio  
entre o miolo  
e o tenro da raiz.

Assiste em flor  
o revolucionário ipê.

## Serventias

Aboio serve para  
alargar a tardezinha  
tanger o horizonte  
levantar a lua  
engolir o vaqueiro  
e juntar o gado.

## Pé de manga

Fiel aos quintais  
quanto mais sem dono  
mais anda igual  
na boca dos homens  
e dos porcos.

Oásis soberano  
no solapino  
lugar de arvorar-se.

Verde praticável  
no estio  
ou festejando chuva.

Paciência índia  
nesses trópicos de machado.

## Escavações

Ermo sertão  
na sombra da tapera  
onde adormece o tempo.

Um graveto agudo  
vai cavoucando a carne  
encontra um gemido  
quase um caminho  
que dá no lajedo d´alma.

Não é permitido romper  
é necessário quebrar  
o jejum dadivoso  
da saudade  
que encerra intacta  
sua voz  
olhar  
afeto  
ausentes.

# O homem que não desejava

Enquanto a estrada voltava  
espreitava-lhe os vãos semeando vazios  
e esperava ainda assim uma manhã  
vazia de sinos  
estreita de sol  
para nunca sair do lugar.  
Um barulho longe  
nem carecia esforço  
para ouvir o horizonte  
de pedras cegas e azuis.  
Arriscava mapas imaginários  
apagava-os rapidamente  
para não sofrer de itinerários.

Interino o dia inteiro  
desafiava a noite com a saudade  
do lugar ausente.

## Ruazinha

Afiando quinas  
em canela alheia  
enfeita lodo  
nos estreitos do bueiro  
senão desanda tempo  
na memória dos muros  
que gasta meninos  
nas biqueiras em flor  
quando desabrocham chuva  
que medram comadres  
nos alpendres da tarde  
que espia na calçada  
o cepo de sassafrás  
governando tempo e pedra  
descabendo os homens.

# Cantiga de trabalho

Na memória da pedra canga  
o labirinto de terra fez  
irmãos na dor.

No latifúndio a terra sangra  
verte esperança o suor na tez  
cantos de dor.

## Ensaio para um dia parvo

No fundo do dia  
um lasso me dorme cathedral  
de fazer brotar  
sombra de pequizeiro  
com visgo de índia  
e destino de mudez cavada.

Dia nú  
isca de nó  
em peito estreito.

Esse tempo que verga o dia  
tem por viço alargar gritos  
até sumir em seiva  
medrando os poros da gente.

## Rainha liberdade

O céu hoje vem  
esticando um breu absoluto  
bom de ser breve.

Tentam nos dedos os vãos  
tateando velhas tramelas  
trancas adormecidas  
onde qualquer passo  
é par do caçoar de luz.

Penso o homem  
preso de pensar  
como exilar a liberdade  
dos olhos do jovem  
que deseja ver do chão  
pé de esperança acender.

## Receita de mãe

Pegue paciência  
afeto e arco-íris  
uma pitada de maria  
misture vigília  
porções de só  
e miolo de alma a gosto.

Unte com luar  
e leve ao nascente  
em fogo brando  
deixe amanhecer  
todo dia.

# Memorial

Parece calma  
e veste vendaval  
contragolpe em fogo brando  
faz-se delicado.

Não carece  
mas entende  
o sal das horas  
e nos abraça docemente  
para sempre.

# Ciência de amigos

O dia acendeu suas súplicas  
nas terras de cada rogar  
feito um plural que junta  
para ser só luz de singular.

As redes tecidas de afeto  
embalam novo esperançar  
como o olhar dos amigos  
dispondo festas no altar.

Carece-nos enveredar juntos  
para a custódia dos sonhos  
que o dia mandou dizer  
- pode andar!

## Dicionário de cismas

Um acomodar de beiras  
e sol a dilatar-me.

Recebo o aviso das canoas  
para desaguar o peito  
mais qual  
parece espesso.

Um atado na voz  
e o vasto acometendo-me.

Assim vertem os dias aqui  
densos de cismas  
e um verdinho em recato  
convidando para a teimosia  
de ser plantador  
nas tarefas d´alma.

# Rapadura

Essas mãos atando linhas de horizontes  
sossegam um tecer de dores idas  
para indagar doces esperas.

A gente segue plantando moça roça  
pois o necessário pão é sempre recente  
quando a terra é para todos semente  
como a garapa de companheiros  
que se funde ao fogo das lutas  
e será torrão dividido  
na boca de amanhã.

# Infinitivo pleno

Entre o sertão e o perto  
a procura converge um aberto  
horizonte desarmando os olhos  
de um apreciar sem bordas  
a enclausurar o longe.

## Bilhete de adeus

Querida  
não descuide as trancas d'alma  
nem do colo os segredos  
todo homem  
é no fundo um regresso.

# Deslavor

Para quem trabalha, bom descanso.  
Para quem férias, bom descalço.

# Vaqueiro de estrelas

Ouvi dos amigos  
que um homem descabia-se  
de tanta estrada  
que bebido em força  
também sofria  
de poesia.

Disseram e viram  
que capinava manhãs  
e fazia sementes  
onde havia caminhos  
travoso como caju novo  
doce feito parto.

O soube adiante  
abrindo estrelas ao sol  
para desejar  
a noite passando clara  
e a gente tatear  
onde brota o dia.

## De aprender morrer

À bica do distante  
assiste feito arado quieto  
como a contemplar capim  
como nem necessário ser.

O sabor do calado  
aquele turvar de conversa  
confiava-lhe horas severas  
com delicadeza de andar.

Era sempre assim ao sair de casa  
a cancela misturando os rumos  
os rumos se enlaçando no andar  
desmerecendo as normas  
desviando o olhar (...)

## A resposta

Ocorre silêncio nas coisas que nada parecem  
ser  
daí fico observando onde elas latem  
onde elas mordem.

Na maioria das vezes as coisas só dormem  
teimo em ficar vigiando  
para ver como acordam.  
Disso respondem escritos.

# De um tempo onde serão necessárias as cinzas

Ressoa cá dentro um arado  
revolvendo-me  
quase silêncio  
meio aço.

Segue um rubor de sementes  
latejando-me  
quase abrigo  
meio pólvora

Só desejo agora uma tocaia  
acuando-me  
quase alçapão  
meio rebento.

Tento desobedecer aos sonhos  
mas continuam ávidos.

# Cajuí

Acende um sol no cerrado  
o olho é um arado  
de plantar você.

Belo badoqueiro encurvado  
o olho cega-machado  
de enxergar você.

Quero  
de roxo-ipê-amarelo  
enfeitar você.

Nem é melhor do que ninguém  
é daqui  
doce cajuí.

# Lual

Luar quando cabe no olhar  
a gente se desabotoa em travessia  
e deixa a saudade aconselhar.

## Frações

Bailam as estações  
nos rosários  
conta-a-conta  
e as digitais do tempo são mais  
de quem perdeu a conta.

Quem ficou  
não passa  
só escorre  
pelo pêndulo  
do relógio.

Bate na porta  
pode entrar  
ficar  
balançando  
nas horas.

## Raiz de quintal

pareço imitando inércia  
decifrando pegadas  
reparando de fora  
pelos lados de dentro  
e bebendo mijo de menino.

## Proa

Em cada remanso  
outra cantiga  
de lua prateando areia  
a noite flutua nas águas  
é cheia ou meia minguante.

Saudade vai  
e volta de esporão  
dói.

A dor de quem deixa a beira do rio  
é voltar só.

**CONTATOS COM O AUTOR:**

**Raimundo Célio Pedreira**  
**E-mail: [foicenova@gmail.com](mailto:foicenova@gmail.com)**  
**Endereço: Rua Mizael Pereira, 2001**  
**Centro – Porto Nacional – TO**  
**CEP – 77.500-000**

